

A representação do feminino em Ester referenciado na obra de Pieter Lastman

Viviane Dias Ennes²⁶³

Resumo: Neste trabalho, propõe-se tomar como *corpus* a obra imagética de Pieter Lastman chamada *Haman Begging Queen Esther for Mercy*. O que será investigado é a representação feminina referenciado pela obra de arte de Pieter Lastman baseada no livro canônico de Ester, constante nas Escrituras judaicas. Como ponto de partida, serão analisados seus contextos históricos e percursos narrativos para um estudo de suas representações. Serão apresentadas alguma incursões teóricas da Semiótica e das teorias da linguagem para a fundamentação das análises discursivas contidas no texto não-verbal de Lastman. Também serão feitas as análises do texto bíblico indicado no *corpus* da pesquisa, isto é, no texto bíblico de Ester, demonstrando a costura enunciativa entre a obra de arte, o livro escriturístico e seus símbolos no que diz respeito à feminilidade. A questão levantada para essa análise é entender a mulher apresentada pela Bíblia como aquela que salva sua nação com um ato de bravura e como a obra de Lastman captura essa mensagem através da arte da representação pela imagem. Será analisado se há uma configuração discursiva da mulher traçada pelo narrador; se a mulher que aparece no Antigo Testamento é igual a retratada a obra de arte e como esse percurso narrativo se entrelaça entre a comunicação verbal e a não-verbal. Nas considerações finais, será apresentada a hipótese encontrada sobre qual é a representação do feminino construído pelo texto literário selecionado do cânon judaico a respeito da figura feminina de Ester em comparação com a representação a respeito do feminino de Ester no quadro de Lastman.

Palavras-chave: Pieter Lastman; Livro de Ester; Feminino bíblico; Semiótica; Teoria da linguagem.

²⁶³ Graduada em Letras Vernáculas e Clássicas, pela Universidade Estadual de Londrina (UEL); pós-graduada no centro de História da UEL na especialização de Religiões e Religiosidades; mestranda em Estudos Literários pela UEL e graduanda em Teologia pelo Seminário Teológico Jonathan Edwards.

Abstract: In this work, it is proposed to take as corpus the imagery work of Pieter Lastman called *Haman Begging Queen Esther for Mercy*. What will be investigated is the female representation referenced by Pieter Lastman's artwork based on the canonical book of Esther, constant in the Jewish Scriptures. As a starting point, their historical contexts and narrative paths will be analyzed for a study of their representations. Some theoretical incursions from Semiotics and theories of language will be presented to support the discursive analyzes contained in Lastman's non-verbal text. Analyzes will also be made of the biblical text indicated in the research corpus, that is, in the biblical text of Esther, demonstrating the enunciative seam between the work of art, the scriptural book and its symbols with regard to femininity. The question raised for this analysis is to understand the woman presented by the Bible as the one who saves her nation with an act of bravery and how Lastman's work captures this message through the art of representation by image. It will be analyzed if there is a discursive configuration of the woman outlined by the narrator; whether the woman who appears in the Old Testament is the same as the one portrayed in the work of art and how this narrative course is intertwined between verbal and non-verbal communication. In the final considerations, the hypothesis found about what is the representation of the feminine constructed by the literary text selected from the Jewish canon regarding the female figure of Esther in comparison with the representation regarding the feminine of Esther in Lastman's painting will be presented.

Keywords: Pieter Lastman; Ester's Book; Biblical Feminine; Semiotics; Language theory.

1. Introdução

A partir da análise da imagem *Haman Begging Queen Esther for Mercy*, de Pieter Lastman²⁶⁴, buscaremos explicar como se constrói a representação da personagem feminina Ester, a subjetividade da relação imagem-texto entre as personagens dessa narrativa imagética que tem por consequência de sua produção uma marcação histórica da cultura judaica. A Bíblia registra em seu cânon uma representante feminina cujas decisões inauguram a festa judaica do Purim, que celebra o dia da libertação do povo sendo uma das maiores tradições da cultura judaica.

Tendo em vista que na Idade Antiga as mulheres não tinham um papel social ativo, pouco as conhecemos na vida pública e dentro dos grupos sociais, pois vigorava um regime político e social no qual o feminino não tinha voz e sequer autorização para frequentar espaços políticos e literários, encontramos na Bíblia a história de Ester, que dá nome ao livro que fala desse acontecimento histórico. Uma bibliografia que nos ajuda a entender a mulher na Antiguidade, ou seja, o período cultural do povo israelita,

²⁶⁴ Pieter Lastman, nascido em Amsterdam (1583 - 1633) foi um pintor holandês reconhecido por compôr passagens históricas e por ter sido mestre dos famosos artistas Rembrandt e Jan Lievens.

é a *História das Mulheres: a Antiguidade*, de Georges Duby e Michelle Perrot (1990), pois discute como a mulher era tida no tempo bíblico, também nos levando a refletir que “os tênues vestígios que elas nos deixaram provém não tanto delas próprias como do olhar dos homens que governam a cidade, constroem a sua memória e gerem seus arquivos. O registro primário do que elas fazem e dizem é mediatizado pelos critérios de seleção dos escribas do poder” (DUBY; PERROT, 1990, p. 7).

Dentro desse quadro, encontramos a obra referida nessa análise, que mostra como a influência dessa personagem ecoou nas artes e na cultura diacrônica do povo de Israel, narrando imagetivamente o desfecho e a vitória conquistada por Ester, como uma hebreia, salvando sua nação da condenação à morte. Mesmo tendo conhecimento da condição de produção do livro de Ester, elaborada por meio do imaginário masculino, temos Ester ocupando o papel de protagonista de sua própria história. É importante explorarmos, através da análise Semiótica das personagens, como é gerada uma representação feminina de força e poder, que leva essa mulher a ser considerada uma tipificação de Cristo na libertação de Israel, alguém que se dispõe a entregar a própria vida em função da vida do seu povo.

A finalidade da Semiótica é a de verificar quais as condições que possibilitam um dado objeto a tornar-se um objeto significante para o homem. Concebida a partir das formulações linguísticas de Saussure e de Hjelmslev, a Semiótica não vê a linguagem como mero sistema de signos, como a Semiologia, mas como um sistema de significações ou de relações, pois a significação decorre da relação. O projeto semiótico greimasiano apresenta uma característica evidente: a que diz que a percepção é considerada como "o lugar não linguístico onde se situa a apreensão da significação" (GREIMAS, 1973, p. 15). É graças à percepção que "o mundo toma forma diante de nós, e para nós" (GREIMAS, 1973, p. 16), a diferença - que, segundo Saussure, era a única coisa presente na língua - só existe porque é percebida.

Perceber diferenças implica tanto a captação de dois elementos linguísticos como simultaneamente presentes, quanto a apreensão da relação entre eles. Disso decorrem duas consequências: a) um elemento linguístico isolado não pode comportar significação, pois a significação se constrói sobre a diferença e esta, por sua vez, se erige sobre a identidade, ou seja, dois elementos devem apresentar uma diferença entre si, diferença esta articulada sempre sobre a identidade. Tudo isto quer dizer que “a” só existe porque também existe o não “a”, ou seja, em relação; b) “a significação pressupõe

a existência da relação: é o aparecimento da relação” entre os elementos, "que é condição necessária de significação" (FIORIN, 1996, p. 28).

Para a análise propriamente dita do texto, seja ele escrito ou imagético, é preciso recorrer ao processo de abstração e reconhecer tanto a imanência - que diz respeito ao plano de conteúdo - quanto à aparência ou manifestação - que é a união do conteúdo com um ou vários planos de expressão dentre seus elementos constituintes. Sob a aparência, buscamos a imanência e, sob esta, as leis que possibilitam a existência de um discurso enquanto tal. A partir do nível da imanência, pode-se encontrar os níveis de profundidade, que são três: o fundamental, o narrativo e o discursivo. Para a Semiótica, o discurso é uma superposição dos três níveis, que se articulam segundo a noção de percurso gerativo. Greimas aponta que o processo de geração de sentido, "simulacro metodológico do ato real de produção significante, que vai do mais simples e abstrato (estruturas *ab quo*) até o mais complexo e concreto (estruturas *ad quem*) por meio de mecanismos de conversão" (FIORIN, 1996, p. 36) é importante para a melhor compreensão do percurso gerativo de sentido. O percurso gerativo mostra os níveis crescentes de invariância do sentido e dá a cada um desses níveis uma descrição metalinguística adequada. A teoria semiótica compreende três etapas para o desdobramento desse percurso.

O primeiro passo é a Sintaxe Narrativa, que parte de duas concepções complementares de narratividade, conforme a explicação de Diana Luz Pessoa de Barros:

Narratividade como transformação de estados, de situações, operada pelo fazer transformador de um sujeito, que age no e sobre o mundo em busca de certos valores investidos nos objetos; narratividade como sucessão de estabelecimentos e de rupturas de contratos entre um destinador e um destinatário, de quem decorrem a comunicação e os conflitos entre sujeitos e a circulação de objetos-valor (BARROS, 1988, p.28).

A sintaxe narrativa prevê a definição de um enunciado elementar, pela relação-função entre, pelo menos, dois actantes (sujeito e objeto). Sujeito e objeto só existem a partir de uma relação transitiva entre eles, ou seja, quando há um investimento semântico mínimo. Há duas formas de se estabelecer essa relação: pela função de junção, caracterizada pelo enunciado de estado (leia-se estado de um sujeito em relação

a um objeto qualquer) e pela função de transformação, caracterizada pelo enunciado de fazer (mudanças de estados).

Se seguirmos a gramática narrativa para a construção do percurso da produção de sentido, a Semântica Narrativa, observa-se o momento em que os elementos semânticos são selecionados e relacionados com os sujeitos. Para isso, esses elementos inscrevem-se como valores, no objeto, no interior dos enunciados de estado. As relações do sujeito com os valores podem ser modificadas por determinações e faz-se necessário compreender como estas modalidades caracterizam o estado do sujeito e as suas ações (modalizações do ser); assim como a relação do sujeito com seu próprio fazer sofre certas qualificações modais (modalizações do fazer).

Segundo Greimas, a modalização – a saber, quer, sabe, pode e deve – é "uma modificação do predicado pelo sujeito, pode-se considerar que o ato - e, mais particularmente - o ato de linguagem é o lugar do surgimento das modalidades[...] Como a modalização diz respeito às relações constitutivas dos enunciados, e os enunciados são de dois tipos, determinam-se duas classes de modalidades, as existenciais ou modalidades do ser e as intencionalidades ou modalidades do fazer" (GREIMAS, 1973, p.57). Mais do que isso, faz-se necessário compreender como essas modalidades caracterizam o estado do sujeito e de suas ações.

As estruturas discursivas, a etapa mais superficial, mais próxima da manifestação, em que uma sintaxe organiza as relações entre enunciação estabelece temas e discurso e uma semântica e figuras do conteúdo. Este nível das estruturas discursivas apresenta, pois, como procedimentos da sintaxe a actorialização, a espacialização e a temporalização e, como operações da semântica, a tematização e a figurativização.

No terceiro nível ou nível das estruturas discursivas, as estruturas narrativas convertem-se em estruturas discursivas assumidas pelo sujeito da enunciação. É aqui o lugar do desvelamento da enunciação e a manifestação dos valores sobre os quais se assenta o texto-objeto. A análise discursiva opera sobre os mesmos elementos da análise narrativa, mas toma em seu campo alguns aspectos que foram abandonados, como: as projeções da enunciação no enunciado, os recursos de persuasão utilizados pelo enunciador para manipular o enunciatário e o revestimento figurativo dos conteúdos narrativos abstratos.

Segundo Barros, o discurso nada mais é que a narrativa "enriquecida" por todas as opções que o sujeito da enunciação pode fazer e que marcam os diferentes modos

pelos quais a enunciação se relaciona com o discurso que enuncia. A enunciação, lugar do qual aflora o discurso, tem em um primeiro nível um enunciador (destinador implícito da enunciação) e um enunciatário (destinatário implícito da enunciação) como actantes, ou seja, unidades da narrativa, de natureza sintática. Um mesmo actante pode ser manifestado por atores diferentes - entendendo-se por atores, unidades do discurso, de natureza semântica - e um ator pode também manifestar-se por meio de vários actantes. Um actante, na verdade, pode ser definido como uma classe de atores não só por um grupo de papéis formais, mas ainda pelos conteúdos que lhes são atribuídos - sujeito herói, anti-sujeito, etc. O ator é, então, para Greimas,

[...] o lugar de encontro e de conjunção das estruturas narrativas e das estruturas discursivas, do componente semântico, porque ele é encarregado ao mesmo tempo de, pelo menos, um papel actancial e de um papel temático, que lhe precisam a competência e os limites de seu fazer ou de seu ser (GREIMAS, 1973, p. 195).

Entende-se, então, que, para Greimas, a enunciação é a instância constitutiva do enunciado, que é composto frequentemente por elementos que remetem à instância primeira, que é a da enunciação. Esses elementos são, de um lado, os diferentes tipos de pronomes - elementos cuja eliminação produz os chamados textos enuncivos, isto é, sem nenhuma marca de enunciação de outro lado, são termos que descrevem eles mesmos a enunciação, como os próprios enunciados.

A enunciação é, então, vista, como aliás já o tinha feito Benveniste, como instância de mediação, que assegura a discursivização da língua, que permite a passagem da competência à performance, das estruturas semióticas virtuais, as estruturas realizadas sob a forma de discurso (GREIMAS; COURTES, 1979, p. 126).

A partir do conceito de Benveniste, a existência da linguagem só é possível porque cada locutor se coloca como sujeito, referindo-se a si mesmo como eu em seu discurso, "dessa forma, *eu* estabelece uma outra pessoa, aquela que, completamente exterior a mim, torna-se meu eco ao qual eu digo *tu* e que me diz *tu*". (BENVENISTE, 1989, p. 261-2). O primeiro passo neste processo é a Sintaxe Discursiva, que possibilita a análise das projeções da instância da enunciação no discurso enunciado e o das relações, sobretudo argumentativas, entre enunciador e enunciatário.

Já a Semântica Discursiva, que descreve e explica a conversão dos percursos narrativos em percursos temáticos e seu posterior revestimento figurativo, afirma que,

segundo Barros, a disseminação discursiva dos temas e a figurativização são tarefas do sujeito da enunciação, que assim provê seu discurso de coerência semântica e cria efeitos de realidade, garantindo a relação entre mundo e discurso. Nesta última etapa do percurso gerativo, as estruturas chamadas discursivas devem ser examinadas do ponto de vista das relações que se instauram entre a instância da enunciação, responsável pela produção e pela comunicação do discurso, e o texto enunciado. Utilizamos, neste trabalho, a definição de enunciação proposta por Barros:

É a instância de mediação entre as estruturas narrativas e discursivas que, pressuposta no discurso, pode ser reconstruída a partir de pistas que nele se espalha; é também mediadora entre o discurso e o contexto sócio histórico e, nesse caso, deixa-se apreender graças às relações intertextuais (BARROS, 1988, p.136).

Percebe-se que, na análise semiótica, sintaxe (conceitual, porém formada de relações significantes) e semântica (gerativa) são estruturas complementares.

Nessa complementação de significados apresentados por meio do texto, Ester passa a ser vista por sua bravura e coragem ao enfrentar a morte pela libertação de uma nação, uma rainha cuja fala registrada é de honra e impetuosidade sacrificial. Dirigindo-se a Mardoqueu sua ordenança é repleta de verbos no imperativo:

Vai, ajunta a todos os judeus que se acharem em Susã, e jejuai por mim, e não comais nem bebais por três dias, nem de dia nem de noite e eu e as minhas servas também assim jejuaremos. E assim irei ter com o rei, ainda que não seja segundo a lei; e se perecer, pereci (Ester 4.16⁷ - ACF).

Essa declaração traz consigo diversas marcas identitárias que são exploradas na obra de Lastman por sua postura de convicção e determinação. Mesmo em um ambiente difícil para a mulher, Ester não recua diante da possibilidade de se expor ao rei e falar com ele diante dos outros. Pouquíssimas vezes reportada em primeira pessoa - em um livro com dez capítulos, é apenas no final do quarto capítulo que a personagem principal tem sua voz registrada -, porém, isso não impede que o leitor veja uma mulher forte e determinada, que toma grandes decisões, mesmo podendo declinar delas, assim como o fez Vasti. Ester era respeitada por sua influência pessoal, por ser conhecida como uma mulher de valor e de virtudes. Mardoqueu confiava nela. Um homem que colocou a vida de uma nação nas mãos de uma mulher, desde o início, por já saber que seu povo seria extinto servindo aos babilônicos.

Ester aqui deixa claro seu temor a Deus quando ordena os jejuns e declara que também jejuará para que o seu Deus intervenha por ela. Depois disso, a declaração mais altruísta que poderíamos encontrar: “se perecer, pereci” (Ester 4.16 - BJ). Assim também fez Jesus, cuja vida foi entregue por seu povo, cujo medo não suplantou o desejo de salvar sua descendência e que o valor da obediência a Deus foi maior do que sua própria vida. Essa comparação é absolutamente significativa e traz à tona a representação cultural da mulher heroica.

2. O contexto e a trama

O consumo sistemático da Bíblia, feito há gerações, e seus ensinamentos a respeito de comportamentos, formas de pensamentos e ressignificação da vida, influenciam fortemente aqueles que se propõem a crer em sua verdade não apenas literária mas como sendo a Palavra de Deus, inquestionável e inviolável. Seus contextos de produção devem ser analisados e suas figuras de linguagem adaptadas às necessidades da vida moderna para que haja um bom entendimento do que essa obra comunica. Nós também sabemos como um conjunto de obras influencia a sociedade em seu caráter cultural que “simbolizam para nós o passado, estranho e contudo familiar, que sentimos dever compreender de algum modo se quisermos compreender a nós mesmos” (ALTER; KERMODE (orgs), 1997, p. 11). Nesse sentido, Lastman produz uma obra que conta a história da rainha Ester e do triunfo de seu povo, e esse é o *corpus* que analisaremos neste escrito.

O fato de Ester obedecer ao tio e seguir fazendo o que se espera dela, pelo poder exercido sobre seu corpo através da cultura de sua época, repetida à exaustão, não impede que sua graça alcance o favor do rei que “amou a Ester mais do que a todas as mulheres, e alcançou perante ele graça e benevolência” (Ester 2.17). O que se pretende ressaltar aqui é que Ester consegue ser quem é, demonstrar graça e alcançar o favor de todos, mesmo limitada às permissões e escolhas que lhe são impostas por aqueles a quem deve obediência segundo a normatividade a que está inserida. É importante pontuar aqui o contexto de produção do Livro de Ester e o momento cronológico em que os judeus estavam situados.

Nesse período histórico, o reino de Israel estava dividido em dois: o Reino do Norte, chamado Israel, e o Reino do Sul, chamado Judá, sendo ambos levados escravos por povos inimigos. Antes do exílio, por motivos políticos, o reino estava dividido em dois, formando agora um único grupo de escravizados sob o governo babilônico. Judá, o

reino que nos interessa para essa análise, fora derrotado e levado cativo pelo rei Nabucodonosor, na Babilônia, na época do rei Jeconias. A história do reino dividido é relatada na Bíblia sagrada nos seguintes livros: I Reis, II Reis, livros de I e II Crônicas e Livros proféticos. Depois da derrota do império babilônico e sua conquista pelos persas, em 539 a.C, a sede do governo dos exilados judeus passou à Pérsia. A história do livro de Ester aconteceu nos dias do reinado do rei Assuero, que abrangia desde a Índia até a Etiópia, sendo um grande reino, poderoso e rico. Susã, capital do reino nesta época, é o palco da história dos judeus exilados na Pérsia.

Considerado um livro histórico, o narrador bíblico conta ao povo a respeito de sua cultura e ensina aos judeus sobre sua festa de libertação, o Purim. Por ter seus acontecimentos no período do terceiro retorno pós-exílio à Jerusalém do cativo de setenta anos na Babilônia, Alter e Kermode (1997) nos apresentam um perfeito resumo do que a obra busca convencer o leitor:

O Livro de Ester ensina aos judeus que sua festa de libertação nacional se origina de um evento histórico. Ele lhes explica por que essa festa tem o nome não hebraico de Purim e como observá-la. Também procura imbuí-los de orgulho pelas realizações de seus ancestrais, que viviam em terra estrangeira e enfrentavam inimigos impiedosos. (ALTER; KERMODE (org), 1997, p. 359)

Tendo sido registrado, provavelmente, entre os capítulos 6 e 7 do Livro de Esdras, a história da rainha Ester acontece em meio a uma grande dispersão do povo de Deus que busca voltar à terra prometida, Canaã, sob o comando de Esdras, escriba da lei, e Neemias, governador de Jerusalém. Nele temos uma rainha comprometida com a causa de seu povo, que usa de sua posição, convenhamos, não muito eminente, se analisada do ponto de vista cultural, para conduzir o rei a uma decisão a seu favor, salvando todo o povo hebreu da condenação de morte. Embora o brilhantismo de Ester não apague o juízo universal que diz respeito ao lugar da mulher, sua submissão e sua subjugação frente àquele que detém sua posse, seja o próprio pai, o marido ou o homem responsável por sua vida, diz respeito a formação ideológica sobre o imaginário feminino que passou a ter registrado no cânon uma representante cujas ações dá origem a festa judaica do Purim, comemorada até hoje como o dia da libertação do povo em uma das tradições mais importantes da cultura judaica. Justo por esse motivo, a leitura dessa história de vitória pode ser utilizada para ensinar e estimular aquele que, ao

observar a trajetória de Ester, sinte-se também impelido a reinventar seu próprio enredo através da astúcia e da sabedoria ensinada, diante de uma dificuldade.

3. A iconografia e a construção da subjetividade



Figura 1: Haman Begging Queen Esther for Mercy

Separamos um texto iconográfico muito rico em significações, que explora amplamente os recursos linguísticos e semióticos, além de contar a história de um povo na Antiguidade, trazendo elementos discursivos carregados de marcas culturais e conhecimentos ideológicos. Queremos evidenciar a necessidade de nos voltarmos à esta Literatura que sobrevive e ainda pulsa em nossa sociedade há milênios. Para esse artigo, optamos por explorar os arranjos enunciativos a fim de identificar uma identidade específica, a da mulher, pois trata-se de uma gama extensa de recursos imagéticos que poderiam nos levar a discutir as configurações do medo, das estratégias de controle e manipulação dos sujeitos, da vingança, do estabelecimento das relações de poder, etc. Porém, decidimos aqui discutir os jogos subjetivos e como isso corrobora para a construção dos sentidos.

Ao observarmos a imagem, podemos notar algumas características que elevam Ester e criam uma representação feminina bem definida. As cores de sua vestimenta, o amarelo e o vermelho, são as mesmas cores das vestimentas do rei Assuero, mostrando ela ser parte da realeza e ter em sua pessoa a majestade contida também no rei. O que os diferencia, pois até mesmo as feições de raiva e escárnio contra Hamã são idênticas, é a

coroa real. Continuando a análise da figura de Ester, vemos uma mulher sobre uma poltrona bastante grande, cujo apoio de pés tem como formato as nuvens do céu, remetendo essa mulher aos átrios celestiais através de seu pé direito. Esse pé direito é o mesmo que mantém Hamã afastado em sinal de justiça e incorruptibilidade. No momento retratado na pintura, Hamã, um homem poderoso, o que fica marcado pela quantidade de anéis em seus dedos e pela roupa de coloração azul, está a implorar por misericórdia, por sua vida, já que Ester o havia entregue ao rei como culpado pelo decreto de morte que a mataria e também a toda sua nação.

A mesa farta e os servos, colocados em segundo plano na imagem, denotam o poder e a grandiosidade dos que sentam à mesa. A bacia de ouro ao lado da mesa, utilizada para limpeza e purificação antes das refeições, enaltecem ainda mais a riqueza e o poderio dos que ali estão. A rainha convida seu marido para um banquete junto a seu algóz, Hamã. Todo o livro de Ester é cerceado por banquetes: primeiro aquele em que Vasti envergonha o rei e causa sua destituição do posto de rainha, segundo “o banquete de Ester”, com o qual o rei comemora seu casamento dando alívio a todo o povo e convidando toda a província para participar, e terceiro são os banquetes oferecidos por Ester ao rei. No relato bíblico, os banquetes²⁶⁵ sempre marcam um período de mudanças, alianças e de renovação da confiança de um povo, portanto quando Vasti se recusa a atender a um pedido do rei enquanto este oferecia um grande jantar, mostra o quão ofensiva foi sua atitude para a liderança desse homem. O banquete de casamento entre Assuero e Ester sela a aliança entre ele e Mardoqueu, tutor de Ester, garantindo o domínio do rei e sua descendência. Como instrumento de intervenção, as refeições oferecidas por Ester ao rei são utilizadas como uma forma de conquistar novamente seu favor e chamar sua atenção aos seus talentos como serva, nos quais a rainha se coloca em posição de servidão para alcançar do rei o seu desejo, como veremos a seguir.

Na expectativa do enforcamento do tio de Ester, o que acontece a seguir mostra que a fidelidade e a obediência a Deus praticada pelos homens traz recompensas. O texto destaca que, naquela mesma noite, Assuero tem dificuldade de sono e manda trazer a ele o livro de registro das crônicas do rei, no qual estava registrada a denúncia feita por Mardoqueu, por meio de Ester, sobre os servos que o tentariam matar. Então, de forma bastante bem-humorada, dando-se a se conhecer o senso de humor do

²⁶⁵ Para uma discussão mais aprofundada a respeito da importância da alimentação no tempo bíblico, indico a obra *Alimento & Fé: uma teologia da alimentação* (WIRZBA, Norman, São Paulo: Edições Loyola, 2014).

narrador, o rei manda chamar Hamã e lhe pergunta que tipo de honra se dá a um homem de que o rei se agrada. Esse momento narrativo também destaca o fato de que o orgulhoso não agrada àquele que conta a história, pois Hamã, ainda em estado eufórico, acreditando estar o rei falando dele, aumenta em grande número o espetáculo de honraria que acha ser suficiente para enaltecer aquele que agrada o coração do rei. Esse relato poderia ser ainda muito explorado em seu percurso narrativo, mostrando como Hamã sai de seu estado eufórico para o disfórico rapidamente. No entanto, só o que interessa dele para essa análise é saber que nesse momento Hamã começa a ser envergonhado e entristecido por suas decisões contra a nação conhecida como separada por Deus. O reconhecimento da soberania dos judeus sobre os gentios se dá no versículo 13 do capítulo 6, no qual Hamã volta para casa, encontra novamente seus amigos e sua esposa, e ela diz:

Se Mardoqueu, diante de quem já começaste a cair, é da descendência dos judeus, não prevalecerás contra ele, antes certamente cairá diante dele. A mesma mulher que há pouco dava péssimos conselhos ao marido, agora, sabiamente, se submete à soberania do Deus dos judeus (Ester 6.13 - ACF).

O capítulo 7 do livro conta os acontecimentos do segundo banquete preparado por Ester a Assuero e Hamã, e novamente o rei pergunta à esposa o que era de seu desejo, então ela responde que aquilo que a vinha perturbando era a destruição de sua vida e a de seu povo:

Se, ó rei, achei graça aos teus olhos, e se bem parecer ao rei, dê-se-me a minha vida como minha petição, e o meu povo como meu desejo. Porque fomos vendidos, eu e o meu povo, para nos destruírem, matarem, e aniquilarem de vez; se ainda por servos e por servas nos vendessem, calar-me-ia; ainda que o opressor não poderia ter compensado a perda do rei (Ester 7.3-4 - ACF).

O fato de Ester sempre colocar a si mesma como elemento de ligação afetivo entre o povo e o rei é evidenciado pelo narrador quando pede por sua vida e deseja a redenção de seu povo; também quando coloca o pronome “eu” antes de fazer referência ao povo dizendo que haviam sido vendidos. E ela finaliza garantindo ao rei que seu opressor não seria capaz de compensar tal perda, destacando o fato de ser tida em alta consideração e respeito. Esses pontos, quando evidenciados no texto, trazem à tona o grande valor dessa mulher, tanto para os judeus quanto para o reinado.

Diante disso, ela também revela ao rei quem havia ordenado tais maldades e Hamã perturba-se diante dos dois. Assuero retira-se do aposento, e o desfecho enaltece ainda mais a personagem feminina: Hamã se pôs em pé a rogar à rainha Ester por sua vida (Ester 7.7), prostrando-se a seu leito em busca de seu perdão. Nesse instante, retorna o rei e, o vendo nessa posição, interpreta que Hamã buscava violentar Ester e sua sentença é ainda mais cruel: cobriram-lhe a cabeça e o sentenciaram à morte na mesma força que havia sido construída por ele no intento de matar Mardoqueu. Ainda demonstrando seus sentimentos, Ester lança-se aos pés do rei e suplica-lhe “que revogasse a maldade de Hamã, o agagita, e o intento que tinha projetado contra os judeus” (Ester 8.3 - ACF), reestabelecendo sua relação com seu povo:

Se bem parecer ao rei e se eu achei graça perante ele, e se este negócio é reto diante do rei, e se eu lhe agrado aos olhos, escreva-se que se revoguem as cartas concebidas por Hamã filho de Hamedata, o agagita, as quais ele escreveu para aniquilar os judeus, que estão em todas as províncias do rei. Pois como poderei ver o mal que sobrevierá ao meu povo? E como poderei ver a destruição da minha parentela? (Ester 8.5 - ACF).

A mesa farta e os servos, colocados em segundo plano na imagem, denotam o poder e a grandiosidade dos que sentam à mesa. A bacia de ouro ao lado da mesa, utilizada para limpeza e purificação antes das refeições, enaltecem ainda mais a riqueza e o poderio dos que ali estão. A rainha convida seu marido para um banquete junto a seu algoz, Hamã.

Quando, durante a refeição que fora por ela servida, é perguntada novamente sobre o que era seu desejo, Ester usa de toda sua sedução para convidá-los novamente a outro banquete no dia seguinte. E ela consegue fazer com que ambos sintam-se valorizados, em estado de euforia, a ponto de Hamã voltar para sua casa naquela noite e mandar vir seus amigos e sua mulher, Zeres, para contar-lhes “a glória das suas riquezas, a multidão de seus filhos, e tudo em que o rei o tinha engrandecido, e como o tinha exaltado sobre os príncipes e servos do rei” (Ester 5.11). No entanto, sua felicidade se extinguiu toda vez que via o judeu Mardoqueu sentado à porta do rei sem levantar-se, curvar-se ou mover-se diante dele. Com isso, recebe o conselho de todos os que o ouviam para fazer uma força de cinquenta côvados - cerca de vinte metros de altura -, assim o faz e decide no dia seguinte pedir o enforcamento de Mardoqueu.

Chegamos aqui ao ápice da trama, ao recorte iconográfico que analisamos. Esse relato poderia ser ainda muito explorado em seu percurso narrativo, mostrando como Hamã sai de seu estado eufórico para o disfórico rapidamente, no entanto só o que nos interessa dele para essa análise é saber que nesse momento Hamã começa a ser envergonhado e entristecido por suas decisões contra a nação conhecida como separada por Deus. Diante da revelação feita por Ester, de que Hamã era o causador de sua tristeza, Assuero se retira do aposento e o desfecho enaltece ainda mais a personagem feminina: Hamã se prostra a rogar à rainha Ester por sua vida, como vemos na representação imagética, prostrando-se a seus pés em busca de seu perdão. Nesse instante, retorna o rei e, o vendo nessa posição, interpreta que Hamã buscava violentar Ester e sua sentença é ainda mais cruel: cobriram-lhe a cabeça e o sentenciaram à morte na mesma força que havia sido construída por ele no intento de matar Mardoqueu. Ainda demonstrando seu estado de alma, seu *pathos*, Ester lança-se aos pés do rei e suplica-lhe “que revogasse a maldade de Hamã, o agagita, e o intento que tinha projetado contra os judeus” (Ester 8.3), reestabelecendo sua relação com seu povo.

3. A mulher em estado heroico

Ester, do hebraico Esther, que tem como significado “estrela”, passa então a ser conhecida como a mulher que libertou o povo judeu da morte e do aniquilamento. O objeto-valor é alcançado, passando por diversos percursos narrativos diferentes, que nos mostram a importância de uma mulher que cumpre as leis dos homens, submete-se àquilo que seu Deus determina como sendo o ideal feminino, mas também enaltece a mulher que sabe antever um problema e exercer o papel de sujeito do fazer, aquele que realiza as ações necessárias para a mudança de estado dos sujeitos, ou seja, envolvida em todas as ações que constituem o enredo da narrativa, preparatórias para a performance. Ester é construída como um sujeito atualizado, que demonstra competência para a execução da performance, pois ela detém os quatro elementos semióticos para essa definição: o querer – ela quer salvar seu povo –; o saber – ela elabora os banquetes, pois sabe de seu significado cultural e poder manipulativo-; o poder – como rainha, ela tem condições de fazer esses jantares à satisfação do rei –; e o dever – ela tem o dever moral de ser o instrumento usado para a salvação dos judeus, tendo em vista sua posição de rainha sobre eles.

Como compensação de seu ato heroico, até os dias de hoje, comemora-se a festa de Purim no dia catorze do mês de Adar, ou décimo segundo mês do calendário embolístico, na qual os judeus lembram-se de como a Imperatriz Ester livrou seu povo do aniquilamento, “como o dia em que os judeus tiveram repouso dos seus inimigos, e o mês que se lhe mudou de tristeza em alegria, de luto em festa, para que os fizessem dias de banquetes e de alegria, e de mandarem presentes uns aos outros, e dádivas aos pobres (Ester 9.22).

A rainha Ester configura uma identidade feminina forte, que passa por conflitos pessoais que fortalecem sua fé, sempre configurada por uma disposição mental e de atitude incansável em voltar aos caminhos do seu Senhor e obedecer àqueles tidos como representantes e sacerdotes de Deus, no caso aqui o seu tio Mardoqueu. Uma grande mulher do Antigo Testamento, traçada pelo enunciador como um arquétipo ideal, que sobrepõe as intempéries e enfrenta o que for preciso para o mantimento e a exaltação daquilo que ela crê.

Referências

ALTER, Robert; KERMODE, Frank (orgs). *Guia literário da Bíblia*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria do Discurso: fundamentos semióticos*. 1 ed. São Paulo: Atual, 1988.

BÍBLIA. *A Bíblia Sagrada: contendo o velho e o novo testamento*. Traduzida em português por João Ferreira Almeida (acf). Edição Corrigida e Revisada Fiel ao Texto Original. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 2016.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes, 1989.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das Mulheres: a Antiguidade*. Vol. 1. Porto: Edições Afrontamento, nº de edição: 470. São Paulo: EBRADIL, 1990.

FIORIN, J. L. *As Astúcias da Enunciação*: as categorias de pessoa, espaço e tempo. Editora Ática: São Paulo, 1996.

GREIMAS, A.J. *Semântica estrutural*. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1973.

_____. COURTES, J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo, Cultrix, 1979.

LASTMAN, Pieter. *Haman Begging Queen Esther for Mercy*. 1618. Oil on panel, 52 x 78 cm. Muzeum Narodowe, Warsaw.